

Arquiteturas ad hoc¹

Joaquim Viana Neto*

*É doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFBA, tendo sido bolsista PDEE-CAPES, com estágio de doutoramento na Università Degli Studi di Roma – La Sapienza. É professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIFACS e da UNIME, membro do Grupo Internacional Recherches Esthétiques & Théorétiques sur Lês Images Nouvelles& Anciennes (RETINA), com sede na Universidade de Paris VIII, editor da Revista Limites (www.revistalimites.blogspot.com) e co-editor da Revista ZON/A (www.zon-a.com), sob coordenação do Prof. Dr. Massimo Canevacci. Publicou: *Paisagens Mediadas – olhares sobre a imagem urbana* (org.) e *O Corpo da Imagem, a Imagem do Corpo* (org.) – Cultura Visual 6. joaquimviana@yahoo.com

¹ Este texto é e não é um dos capítulos da tese de doutorado *Entre Arquiteturas – Antigenealogias e Deposições*, defendida em novembro de 2007, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita e co-orientação do Prof. Dr. Massimo Canevacci (Università La Sapienza)

² 29 a. C., que sagra o retorno do primeiro imperador de Roma.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia*, Vol. V.

Resumo

A imagem da construção do império romano, a arquitetura é considerada a base de uma ordem implantada pelo poder. Esse artigo se prende a análise da evolução histórica da arquitetura enquanto linguagem codificada pelas estruturas dirigentes percebida como sistema, organizado, anárquico, o que oferece hoje forma ao corpo da cidade.

Palavras-chave: Arquitetura, poder e sistema.

Resume

Architectures ad hoc

A l'image de la construction de l'empire romain, l'architecture s'est consolidée sur la base de la recherche d'un ordre mis en valeur par le pouvoir.

Cet article s'attache à l'analyse de l'évolution historique de l'architecture en tant que langage codifié par les structures dirigeantes, qui, perçu comme système, tantôt organisé, tantôt anarchique, donne aujourd'hui forme au corps de la ville.

Mots clés : Architecture – pouvoir – système

A *Pax Romana*² institui, no tecido de suas conjunções, a formação de dinastias monárquicas que repetirão seus exercícios de guerra, filtrados em variáveis territoriais de agenciamentos. Todos os escapes, fugas, sejam elas materiais ou funcionais, serão colocados sob vigília dentro dos estratos de formação das dinastias iminentes. Para a existência desses regimes de pacificação, que trabalham entre as formas organizadas e as substâncias formadas³, moldadas a partir de decalques dos Impérios, será preciso provocar, constantemente, reterritorializações e sobrecodificações. O território possuído e o território de conquista amalgamam-se para um desfecho maior de homogeneização. Todas as misturas e agenciamentos permitidos por suas leis, leis de apropriação, são somente peças articuladas que servem para traçar seus anéis de fechamento. Os princípios destes elos: encerrar-se nos seus limites de coordenadas para a formulação inicial de seus exércitos. A tessitura de composição imperial será sempre *ad hoc*, apropriada ao contexto de suas desejadas conquistas e ao

desenvolvimento de seus regimes axiomáticos de guerrilha. As palavras de ordem que regem o apaziguamento imposto pelos Impérios, lutam para coagular os planos que desviam do seu organismo-organizativo. É necessário então, “cuidar” das matérias dispersas⁴, das geografias fugidias. As técnicas agrícolas, os elementos constitutivos da língua e suas regras gramaticais, o direito público e a jurisprudência são máquinas de governo que contribuem para a construção de uma unificação normativa⁵. Dentro desses estratos de consolidações do poder imperial estará também a arquitetura, manipulável e manipuladora, de caráter abstrato e real, e que servirá para instituir os marcos referenciais das tramas reticuladas do poder. A *physis* dessa arquitetura enunciativa e de feição uniforme (unifamiliar!), porém que pode alcançar pluralismos com suas repetições indiferenciais, será o retrato dos protótipos formados e organizados pelos aparelhos de Estado. A contextura do surgimento do plebeísmo romano é coetâneo com a formação da arquitetura-espetáculo, que exerce funções específicas de controle. Entre gladiadores, feras e plebes, estão a arquitetura e seus helenismos, suas sobras e vestígios etruscos, suas ordens de novas antiguidades eleitas e elegíveis. Arquitetura como linguagem sobrecodificada, gramaticalizada nas eternas permanências dos seus léxicos. Infiltradas nos pergaminhos (*in membranulis*) do tratado universal (como um verso único, indivisível!), as palavras de ordem, soerguem templos e termas, teatros e catapultas. E é por isso, sobretudo, que é possível dizer que o *De Architectura* e todos os seus estratos de territórios fronteiriços, agem como uma máquina abstrata axiomática, formulando os léxicos para a medida ideal da arquitetura monista, da arquitetura que, com todas as suas contradições, se faz também plural. A formação do tratado vitruviano acolhe e registra essas ferramentas lexicais para que sirvam de instrumentos de demarcação, de fincagens, sondando os futuros e os espessamentos dos estratos históricos e estimulando suas futuras sentenças. Os arraigamentos vitruvianos, que modelam os sistemas arquiteturais dos *Cesares*, servirão como fontes prospectivas e restaurativas para a composição das espessuras dos territórios em dominação⁶. Monofonias do poder: os vasos dos teatros, desenhados por tratadísticas, ressoam sempre a voz dos *Cesares*. A arquitetura estratificada e cooptada pelos campos lingüísticos e significantes do poder torna-se localizável, compõe-se como parte de um todo homogêneo das cidades ideais. Sua formas e substâncias bailam nos campos dos regimes dos Impérios. A

⁴ “...la matéria dispersa sembra essere stata la parola d'ordine di almeno due generazioni, e tutti i settori del pensiero si richiudono progressivamente in sintesi che pretendono di costituire anche dei sistemi e ai quali gli autori danno, a seconda dei periodi e delle discipline, il nome di *ars*, di *doctrina*, di *corpus*, di *ordinatio*.” In Cl. MORATI, *Mélanges d'archéologie et d'histoire de l'Ecole française de Romae*.

⁵ VITRUVIO. *De Architectura*. A cura di Pierre Gros.

⁶ Duas reflexões entre as formações discursivas: “Quasi tutte le conoscenze delle quali le parti, ora

⁷ “Yet early architectural semiotics merely borrowed codes from literary texts, applied them to urban or architectural spaces, and inevitably remained descriptive. Inversely, attempts to construct new codes meant reducing a building to a “message” and its use to a “reading”. Much of the current vogue for quotations of past architectural symbols proceeds from such simplistic interpretations.” In TSCHUMI, Bernard. *Architecture and Disjunction*. p. 108.

⁸ O HsR abre uma crítica, mais do que velada, a Umberto Eco e as suas estruturas ausentes. Cf. ECO, Umberto. *La Struttura Assente. La ricerca semiotica e il método strutturale*. p. 210, 211.

⁹ “Il “modo del narrare continuo”, tipico dell’arte romana, è presente nella plastica ellenista sin dal III sec. A. C., anche se spesso in versione dozzinali.” In ZEVI, Bruno. *Storia e contro storia dell’architettura in Italia*, p. 32.

dança da arquitetura transcendente (por alcançar esse mundo objetivo!) é coreografada por conjunções, organizações e reterritotalizações. E por isso tudo, o homem sem rosto acha irônico, mas natural, a persistência de uma leitura dos significantes arquitetônicos e da história, como uma simples crítica semiótica⁷ às diferenças contínuas entre funções que se dão no tempo⁸. A semiótica dessas “estruturas ausentes”, bordam significantes para mapear os contornos das faces do sujeito histórico. Ela (a semiótica!) não passa de uma máquina de rosticidade que pretende sobrecodificar o corpo social e que deseja que tudo seja visto dentro de regras lingüísticas muito bem definidas. A crítica da arquitetura, fomentando suas rupturas com o pensamento funcionalista da época dos modernos, se deixará banhar nas teorias semióticas de Peirce e nas teorias semiológicas de Saussure em busca das sintaxes arquiteturais. Entre arquiteturas, reduzida novamente à ambiciosa “essência”, à uno-arquitetura, eles (os pretensos críticos) só enxergarão essas combinações dos sistemas de símbolos. Pragmatismos familiares, que moldam linguagens associativas para provar no monumento, referenciais de significação. Dentro dessas profundidades históricas se pode observar que a divulgação da arte romana está inserida nesse “modo de narrar contínuo”⁹. Mas haverão outros afinamentos agenciais que diplomam-se em planos fulgurantes e de consistência, em função de intensidades e variações, em buscas de outras sonoridades exteriores. E nessas bandas desviantes, onde a figura do *bandleader* é dissipada pelas tensões dos múltiplos musicistas sem rostos, as arquiteturas são simples passagens, são eventuais transcodificações, que agem fora e dentro (traçando inúmeras diagonais que furtam as coordenadas imperiais) dos estratos, mas que também velam, pela intensidade de suas chamadas, as transformações dessas ações contrárias ao sistema. O poder de vigília dessas arquiteturas, diferente da arquitetura monista de caráter panóptico (tal qual a constituição das fontes de límpidas águas imperiais!), se faz apenas por pura prudência e diplomacia. Respeitando-se essa regra, evita-se o aniquilamento, ou mesmo, posterga-se as reterritorializações de Estado. Porém, a urbanística entre muros, exemplo que determina a estrutura do primeiro capítulo que conforma o tratado vitruviano, sempre trabalhará para delinear e dar feições à arquitetura monista. E será pelos códigos de suas vias, de suas estradas, que surgem como canalizadoras dos ventos, e pelo tecido ordenador do *corpus* da cidade, que a arquitetura se fará medida, se fará escala social, se fará

aparelho que pontua a simulação dos espaços de guerra. A rostificação da cidade e suas máscaras arquitetônicas, são frutos das verticalidades gravíticas dos corpos de Estados jurídicos, que criam disciplinas em função de mapear os seus padrões históricos. Porém, as intermitências, as franjas dessas cintas murárias, são verdadeiras zonas intensivas, onde as arquiteturas não legitimadas (contra-arquiteturas?¹⁰), versam suas decodificações, aplicam seus desejos de indisciplina fundamental contra o sistema. Por isso, essas outras arquiteturas, são efêmeras, sem propriedades, sem lexemas que forcem constituições que cravem um território, sem significantes que estriem seus caminhos. Estar fora dos estratos constituídos e constituintes dos Impérios, significa iniciar desarticulações, incitar quebras dos anéis que formam a corrente linear do organismo-organizador das cidades e de suas histórias. Quando essas forças digladiam-se em batalhas territoriais, torna-se notável suas ações, por um lado, de razão e ordem, por outro, de proliferação anárquica. Porém, é preciso enxergar para além da matéria (corpo e fisicidade) nas engrenagens urbanísticas e arquiteturas propostas pelos Impérios, pois elas são também produtoras de subjetividades¹¹; e não escapam da complexidade de seus afectos estéticos. Mesmo em seus regimes de castas e nas densidades de suas matérias corpóreas e, não se pode esquecer, sendo uma máquina enunciadora que decreta suas máximas, a arquitetura monista tem seus momentos, suas instâncias de desvios, de desejos, provocados a partir das dúvidas que surgem entre as batalhas imperiais. E é necessário notar que os devires, diferente das noções e razões semióticas realizadas por tantos vaidosos críticos-arquitetos, vão muito além de um regime de signos, de repetições de tríades e de tentativas de novas formulações para “essencializar” as arquiteturas. Um possível caminho para provocar um retardamento nas reterritorializações, caso exista um início de fuga desse monismo arquitetural: verter as singularidades, para escapar da gramática. Não por acaso, os sistemas pragmáticos, com todos os seus sintagmas regimentais, constituirão os estratos da história. Os estratos históricos que alicerçam-se entre políticas, escolas e arquiteturas, formam-se na medida do consumo e da preservação dos seus bens. Há uma evidente ressonância dos sistemas sintáticos no ensinamento das arquiteturas estilísticas atuais. Esse é o mecanismo de suas constâncias, o dispositivo de poder que traça seus mapeamentos cognitivos. Sapiências que se repetem dando margem à concentração dos estratos e aos conseqüentes usos de suas formas

¹⁰ Não confundir com a *aesthetics* hegeliana utilizada por Bataille para ir contra a arquitetura. Cf. HOLLIER, Denis. *Against Architecture- The Writings of Georges Bataille*.

¹¹ GUATTARI; Félix. *Caosmose- Um Novo Paradigma Estético*, p. 160.

¹² Vide entrevista com Mies Van der Rohe em *Casabella*, n. 741, “Ludwig Mies van der Rohe, l’architettura non è un Martini Cocktail”, p. 3-5.

¹³ HUGO, Victor. *Nossa Senhora de Paris..*

¹⁴ A ordem do dia para o rei.

¹⁵ VERNANT, Jean Pierre. *Mito e pensamento entre os Gregos*, p. 266, 267.

¹⁶ De fundamental importância, para a apreensão dessas isonomias e homogeneidades políticas, adentrar no universo das reformas de Clístenes. Essa constituição clísteniana provocara as ressonâncias entre homogeneidades e isonomias de estado. Cf. VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os Gregos*, p. 286.

¹⁷ Cf. DERRIDA, Jacques. “Why Peter Eisenman writes such good books”, in *Au Architecture and urbanism*, 1988, august extra edition Peter Eisenman.

organizadas. Quando Mies van der Rohe, em um belíssimo (por ser bem construído, mas não deixa de também ser *ad hoc*!) ensaio crítico, fala sobre a poética da “imensa lentidão por onde nascem as formas”, para ressaltar os valores de classicidades na conjunção arquitetural¹², ele não deixa de compor-se tal qual o regimento da orquestra monista, que enxerga na formação dos léxicos, os repertórios estruturantes para os repetidos e indiferentes aparecimentos da arquitetura ideal. Segundo esse ensino persistente, que ressoa como um alaúde de uma única nota, é possível olhar a cidade e encontrar sobreposições textuais, arquiteturas que se flertam como construções significantes. Será que Victor Hugo, quando quis evidenciar que “isto há de matar aquilo”¹³, prenuncia essas semânticas de uso arquitetural? O Corcunda como sujeito, a *Cathédrale Notre Dame de Paris* como objeto das sintaxes da modernidade?. Oh César!, os miseráveis serão sempre impostos a ler essa gramática? A habitar nessa gramática? A coletivizar essa gramática? A se miniaturizar diante dessa gramática? Impressas nos seios sociais, as arquiteturas textuais do Império servirão como livros didáticos da história das cidades. *L’order du jour pour lê roi*¹⁴: a semiótica e as extensões de seus exercícios de sínteses, farão propagar os raios que formam as antiguidades arquitetônicas como símbolos periodizáveis. Leituras passivas e objetos de permanências. *Gaia*, a deusa grega que tem bases sólidas e de onde tudo se origina¹⁵; e que serve como nutriz, como suporte, para o início de organização e orientação do espaço, é eleita pela civilização ocidental como inspiração para as suas formações sintáticas. O que os discursos arquitetônicos não cansam de buscar nessas antiguidades capturadas e em seus discursos formados e modeladores, são as suas “lições” de equilíbrio, harmonia, ordenamentos e obediências que sagram os seus espaços homogêneos e isótopos¹⁶. Se as formas arquiteturais, nos chegamos com passos lentos, porém precisos, é porque os graus (ou melhor, os estratos!) de seus decalques são construídos, milimetricamente, para objetivar todo o sistema de coordenadas dos Impérios e dar razão aos seus geômetras. E quando os jogos de bases arquitetônicas, frutos de muitas modernidades, não versam, sobre os princípios de ordenação e razão, eles geralmente se desenvolvem por simples oposição caprichosa e por suas apropriações do contexto. Não basta a “defesa” filosófica de Derrida para compreender “Por que Peter Eisenman escreve tão bons livros?”¹⁷. Os regimes das estilizações desconstrutivistas e dos neo-modernos tão em voga atualmente não escapam das ordens do

dia e, logicamente, das concessões dos poderes imperiais. E é por isso que as condições memoriais das cidades se compõem por submissões; arquiteturas como pontos de freqüência e ressonância para a pretendida linearidade da história. A *Gaia* estará ressurgida entre suas similitudes e igualdades históricas, no intuito de trabalhar arduamente para alimentar os processos de sobrecodificações das geografias fulgurantes e direcionais das, sempre renovadas, *Citas*¹⁸. A *téchné* encontrada no discurso vitruviano, progressivamente, se modela como signo de interpretações da cultura helenística. Faz parte da *ars* e *natura* romana tornar-se imperativo das formações de sínteses gregas. Mais do que a noção tratadística de uma disciplina, o *De Architectura* faz-se em função de um programa de Governo. É preciso inserir-se nos discursos dos *Cesares* para compreender os projetos (*formas*) que evidenciam a arquitetura como um *corpus* doutrinal¹⁹. Adensam-se os valores de contraposição entre o “racional e simétrico” e o “irracional e assimétrico”. E dessa forma se pode evidenciar que a arquitetura monista e suas oposições fazem parte de um sistema dual. A evidência desse binarismo onde os Impérios trabalham para a constituição da disciplinada arquitetura, se dá justamente no momento onde o *uno* se encontra, por oposição, com o *múltiplo*. A arquitetura pretendida pelo Império, se faz bruxa monista, bruxa plural. Os espelhos onde essa arquitetura se vê, sempre reproduzem valores de essências e origens, para afirmar a sua beleza universal. “*Espelho, espelho meu, existe arquitetura mais ad hoc do que eu?*”. Essa é a pergunta freqüente da arquitetura monista, e esse é também o questionamento que não escapa às fabulas (para Peter Eisenman, *fictions*) da construção histórica da arquitetura. Em diversos tempos, a arquitetura torna-se bela e apropriada pelo culto de sua *symmetria* (em Vitruvio, *commodulatio*); em outros tempos, pelas suas oposições mais diretas e concretas. Dar margens a todos esses discursos estruturantes, que servem de modeladores da arquitetura *Pb*, nos faz constatar que o corpo do estruturalismo (promotor da semiótica, diga-se!), que toma a lingüística como modelo, na tentativa de desenvolver gramáticas²⁰, foi embalado em berços antiqüíssimos e duradouros. A acepção desses valores de classicidade e , porque não afirmar, de racionalidade (*ratio*), pelos estruturalistas, denotam suas raízes sistemáticas. As sintaxes dessas construções tentam impedir as excentricidades de todos os campos que conseguem viver sem as formatações ministeriais e dimensionais, sem os acúmulos dos organismos-organizativos. Fator

¹⁸ *Citas*: Tribos nômades, formadas por persas que migraram da costa leste para o nordeste do mar Negro, no séc. VII a. C. In MILLER, Frank. 300.

¹⁹VITRUVIO. *De Architectura*. A cura di Pierre Gros, p. XXXVII.

²⁰ CULLER, Jonathan. *Sobre a Desconstrução*. p. 27.

²¹ FREUD, *The Uncanny*, vol. 17, Apud CULLER, Jonathan. *Sobre a Desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*, p. 29.

²² Cf. *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. IN LACAN, Jacques. *Escritos*, p. 97.

²³ TSCHUMI, Bernard. *Architecture and Disjunction*.

de codificação: dentro dos processos sociais de sobrecodificações dos estrangeirismos/excentricismos, a máquina abstrata que se tornou Freud (pós-vitruvio) dirá: “O estranho é aquele tipo assustador que nos remete de volta ao que é conhecido há muito e longamente familiar.”²¹ Esses serão os mecanismos coletivos de inibição que fazem enxergar em tudo aquilo que nos escapa, um mero símbolo de retorno familiar. O “tipo assustador” torna-se, assim, apenas uma imagem formada a partir do pensamento sujeito que se vê diante de um espelho dimensional. A imposição teomática freudiana em catar nas lixeiras depositárias, os acúmulos históricos (porém, de histórias de mesmas linhagens!), não se distancia dos desejos de sobrecodificações dos Estados déspotas. Essas são as reproduções espectrais pretendidas pelos Impérios, onde as disciplinas, as máquinas abstratas binárias e axiomáticas, que reverberam enunciações, e os sujeitos de enunciado formarão sempre corpos em busca de memórias perdidas e disciplinadas, familiares. E as famílias dos Estados imperiais arcaicos não se cansarão em provocar e desejar sua reprodução. A reprodução, com ínfimas diferenças, surge como fator de progresso, como ferramenta de formação do sujeito. E será dentro desses códigos de mais valia que a arquitetura monista exercerá, posteriormente, suas funções castradoras e contribuirá para os aparecimentos da *imago urbis* de sujeição do poder. Essa imagem especular das cidades imperiais inserem-se nos seus “estádios de espelhos”²², no intuito de reproduzir uma identificação do outro. Entre as suas virtualidades de superfícies polidas, a arquitetura monista se vê dentro de um duplo passatempo: forma-se como objeto permanente dessa *imago* (*imago* do próprio corpo) e ao mesmo tempo traça seus contornos de disjunções futuras. Esse desmembramento como função da imagem dupla, provocada pela polidez dos espelhos dos Impérios, tem intenções dimensionais muito precisas. O valor de propriedade dessas realidades e virtualidades se estende de acordo com suas conquistas territoriais, suas ações de governanças temporais. O que Bernard Tschumi²³ não percebeu nas suas tentativas de provocar um “novo” discurso para a arquitetura e suas disjunções, é que a dança onde oscilam essas arquiteturas é cadenciada por canções dimensionais, métricas, agrimensurais; e o cenário que elas ficcionalizam tornam-se luzidios à maneira dos *Cesares*. Iluminar classicismos e anticlassicismos nos processualismos que regem a arquitetura de Governo, é iconizá-la. Tornar ícone a arquitetura faz parte das funções estratégicas do poder e de seus planos de organi-

zação. Ícones de titânio, filhos das pedras filosóficas dos Impérios. Esses discursos constituintes elaboram os aparelhos identitários do Estado e seus reflexos sob medida das modas tempestivas. E o aspecto modal (*modus*) de dominação determina as medidas de superfícies, as medidas agrárias e suas moderações rítmicas. Portanto, não é difícil refletir que a arquitetura vista hoje como um elemento da *mass media*, é a repetição, sem muito esforço, da arquitetura como linguagem e suas ressonantes denotações de guerrilha. As estrias que ajudam a marcar a identidade legitimadora da arquitetura monista, se estende em suas prospecções futuras. As formas e substâncias que constroem as novas imagens da arquitetura monista, ainda são movidas por razões de *cogito*, por um *cogitatio universalis*. As arquiteturas do *star system* atual, convocam (pela tentativa de flertar com suas inúmeras características dissonantes) os anagramas como suas *ars magna*; elas invertem as ordens anteriores, mas não escapam dos usos e das formações dos seus próprios elementos lexicais²⁴. Essa inversão da ordem, para formar outras palavras, outros códigos, é fruto dos seus constituídos estados de direitos, que são movidos por métodos idênticos e constantes, mas que ainda reafirmam as suas linhas invariáveis de progresso. No mesmo movimento onde os exercícios desenvolvidos pelas arquiteturas contemporâneas lançam-se nas tentativas de descobertas de outras gravidades e tríades (mesmo que ainda limitadas pelo plano de organização global), eles instituem normativas regenciais. Englobar esses horizontes faz parte dos objetivos dos exércitos que lutam para manter as constâncias de orientação. O que se pode evidenciar dentro dos discursos da arquitetura contemporânea é que eles são constituídos pelas próprias isotropias das cidades seculares. Nesse sentido, os contextos²⁵ que configuram essas cidades, são de valores estratégicos, operacionais. As operações das traduções dos regimes imperiais e de suas arquiteturas ideais, consistem em domar, sobrecodificar e metrificar as tessituras das forma-Estados, forma-Cidades. E por isso que hoje, *tout court*, são constantes as superposições de helenismos e *manhattanismos*. O delírio calculado de Manhattan, como capital da crise perpétua²⁶, irradia-se nas tensões que conformam outros tecidos de cidades dentro de suas respectivas densidades. A formação e divulgação do Império americano, e sua concretização virtual, enquanto força global, estimula os valores de propriedade e os jogos de superfícies entre continentes, traçando um enorme organismo-organizativo para o desenvolvimento

²⁴ Os jogos de novas métricas para o pensamento da arquitetura contemporânea pode ser visto, ou melhor, jogado, em: KOOLHAAS, R.; MAU, B. S., M, L, XL, p. XXII.

²⁵ "Without the generic imparted by concepts, no objective knowledge would be possible; yet, without the specificity imposed by contexts and contents, the world would be reduced to the rigid and predictable rule of a conceptual framework. A genealogy of concepts might therefore show a record of contaminations of the purity of concepts by the messiness of their contexts, in which concepts and contexts collide in apparently unpredictable and yet strategic ways". In TSCHUMI, Bernard. *Architecture and Disjunction*, p. 13

²⁶ "(...) il profluvio di analisi negative prodotte da Manhattan su se stessa, analisi che fanno inevitabilmente la Capitale della crisi perpetua". In KOOLHAAS, Rem. *Delirius New York*. p. 9.

²⁷ “O novo paradigma é ao mesmo tempo sistema e hierarquia, construção centralizada de normas e produção de legitimidade de grande alcance, espalhada sobre o espaço mundial. É configurado ab initio como dinâmica e flexível estrutura sistêmica, articulada horizontalmente.” In NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*, p. 31.

²⁸ Para Milton Santos, a “ordem desordeira é global” In SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*, p. 86.

²⁹ “Como Tucídides, Livio e Tácito nos ensinam (e Maquiavel, ao comentar suas obras), o Império é formado não com base na força, mas com base na capacidade de mostrar a força como algo a serviço do direito e da paz. Todas as intervenções de exércitos imperiais são solicitadas por uma ou mais partes envolvidas num conflito já existente. O Império não nasce por vontade própria; é convocado a nascer e constituído com base em sua capacidade de resolver conflitos.” In NEGRI, A.; HARDT, M. *Império*, p. 33.

³⁰ Idem.

das novas tecnologias e para o enraizamento das suas arquiteturas de poder. Mesmo que já se esboce um evidente falimento de suas estratégias e dos constitutivos de seu Império despótico. Esses novos paradigmas imperiais elaboram, dentro dos seus estratos, o caráter da arquitetura monista. Esse monismo arquitetural servirá para pontuar os modelos das autoridades imperiais, que se colocarão como fontes iniciáticas e restaurativas dos sistemas e das hierarquias²⁷, que demarcam as estrias das cidades. A configuração desse sistema de poder, onde o nacional é subjugado por uma força supranacional, acontece dentre de um terreno adubado por crises²⁸. O poder coercivo de Estado se aplica na medida em que as normas concretizadas já não são suficientes para conter as variações que ocorrem nos interestratos. As conexões de multiplicidades que interferem nos estratos e que aceleram as práticas jurídicas dos Estados-déspotas, são realizadas também por anti-arquiteturas, com as suas singularidades e linhas de mutações, que se formam em outros planos, planos de consistências, que acolhem os dobramentos de suas máquinas de guerra. Essas anti-arquiteturas, ou arquiteturas-citas, que estão fora dos estratos imperiais, não são meras imagens distorcidas que se formam entre as guerrilhas provocadas pelos regimes de pacificação²⁹. Elas são passagens que reforçam as zonas de descodificação dos meios, em detrimento das paragens manipuladas pelos Impérios. E são, justamente, nesses enxovais de paragens, que os Impérios solidificam o poder e centralizam todos os seus processos normativos. A arquitetura monista não se isenta jamais dos contratualismo que regem esses estados de governanças sem Governo³⁰. Dessa maneira, a arquitetura de formação consensual do domesticado *star system*, erige muito mais do que o seu concretismo material, pois elabora um formalismo e sistematismo que dá margem à aplicação da constituição de um novo direito do Império. Dentro das reterritorializações e dos territórios que se abrem por devastações de suas fronteiras, os Impérios aplicarão seus direitos formados a partir de acordos de paz. *Pax Pos Romana, Pax Global*. E a arquitetura imperial, aplicada nesses direitos de intervenção, mostrará o estado puro de sua força de representação *mass media*.